'IN AND OUT'

»Nem é preciso ser fã incondicional de arte contemporânea para ir a Beacon, a duas horas de Manhattan

Museu faz viajante sair de Nova York por um dia

DA ENVIADA ESPECIAL A NOVA YORK

Parece absurdo dedicar, na programação certamente apertada de uma viagem a Nova York, um programa para fora da cidade —e demorado.

Mas cada minuto fora de Manhattan vale a pena para ir à Dia Foundation, em Beacon, a duas horas no rumo norte.

O passeio tem algumas etapas —todas divertidas.

Tudo começa na Grand Central Terminal, a enorme estação de trem e metrô entre as ruas East 42nd e East 45th.

É recomendável chegar um pouco antes do horário planejado à estação para poder se embasbacar com a arquitetura ou com o mercado de comida, o Grand Central Market, na saída para a avenida Lexington —inevitável sair do corredor de tendas com algum embrulho.

A compra do bilhete é simples: ao chegar à bilheteria, diga ao atendente que você vai à Dia Beacon. Ele vende a passagem de trem —ida e volta— e o ingresso, com desconto, para o museu que fica ali mesmo —em Dia Beacon—, com a opção de pagar com cartão de crédito.

As passagens e o ingresso saem por US$ 27,75. A ida é com horário marcado. Para a volta, é bom consultar o horário de saída de trens de Beacon para Manhattan —para não ficar à toa na estação.

Então começa a segunda etapa do passeio: a viagem. A bordo do trem da linha Metro North, a janela vai mostrando o fim do centro, o começo do Harlem, o leito do rio Hudson, o fim da cidade e os arrabaldes, com casas de campo aqui e ali.

A paisagem é surpreendente para quem está há dias com as retinas acostumadas às sombras dos arranha-céus.

Depois de duas horas sobre trilhos, chega-se à estação Beacon —no meio tempo, dá até uma sensação de ter errado de linha, porque ela nunca chega.

Uma vez lá, basta seguir as placas para avistar um prédio que um dia foi fábrica de embalagens da Nabisco (sigla para The National Biscuit Company, ou companhia nacional de biscoitos), que faz biscoitos.

Ali dentro dos 22 mil metros quadrados da construção, o maquinário deu lugar a uma impressionante coleção de arte contemporânea.

Para isso, um parêntese no passeio. Se você é fã de arte contemporânea, provavelmente já conhece o museu e não acha absurdo sair de Manhattan só por causa dele.

Se você não é, dê a chance. De alguma forma, talvez pela maneira como as obras estão expostas ou pela seleção dos trabalhos dessa coleção, existe alguma coisa ali que faz a arte contemporânea parecer menos distante, menos difícil, menos incompreensível.

Não que todas as obras sejam fantásticas e façam o visitante entender tudo que está sob essa nomenclatura. Também não vai acontecer um clique que transforma esse universo hermético em algo familiar. Mas entre uma sala e outra, há obras sedutoras mesmo aos mais resistentes.

Exemplos: até setembro deste ano fica em cartaz uma exposição do artista plástico norte-americano Sol LeWitt, com desenhos feitos na parede a partir de regras estabelecidas pelo artista.

Outro exemplo são as enormes elipses do escultor Richard Serra. Você entra nas espirais e vai ficando tonto. Mais um: os planos definidos a partir de linhas do artista nova-iorquino Fred Sandback. E outro: a sala dedicada à obra "Shadows", de Andy Warhol.

Vale dedicar algumas horas para passear pelo museu, também pela adaptação do prédio à função de espaço expositivo. Também pela forma com que as salas acolhem as obras, cada uma no seu espaço. Também pelo absurdo de estar em um lugar bucólico no meio de uma viagem de férias a uma megalópole. (HELOISA LUPINACCI)

» DIA BEACON
Até 13/11, fica aberta das 11h às 18h, de qui. a seg.; de 17/11 a 13/4/09, fica aberta das 11h às 16h, de sex. a seg.; 00/xx/1/845/440-0100; somente o ingresso, sem os bilhetes de trem, custa US$ 10
www.diabeacon.org

» GRAND CENTRAL TERMINAL
A estação fica aberta diariamente das 5h30 à 1h30; informação sobre tours guiados pelo tel.: 00/xx/1/212/340-2347
http://grandcentralterminal.com

Heloisa Lupinacci/Folha Imagem

Hall do Grand Central Terminal, de onde parte, entre muitos outros, trem que leva a Beacon

Ostra fresca no subsolo fecha dia de passeio

DA ENVIADA ESPECIAL

De volta a Manhattan, no fim da tarde, aproveite que estará no Grand Central Terminal e faça um pit stop no Oyster Bar. Ali no subsolo, o bar fica cheio de nova-iorquinos saídos do trabalho e de turistas.

Procure um canto em um balcão. O mais legal fica no Salloon, depois de uma porta à la faroeste à direita de quem entra.

Uma enorme seleção de ostras a cada dia alarga a idéia que se tem desse molusco bivalve. São três dezenas de variedades, de diversas procedências.

Se não quiser gastar muito tempo escolhendo, opte pelo prato do dia, com duas unidades de oito tipos de ostra —que custa US$ 19,75.

Além da boa oferta de chopes —em algum momento, prove a Brooklyn Lager, que custa US$ 6,25 aqui—, há extensa carta de vinhos, com 197 rótulos entre brancos, tintos, fortificados e espumantes.(HL)

» OYSTER BAR
No subsolo da Grand Central Station, fica aberto de seg. a sex., das 11h30 às 21h30; aos sáb., das 12h às 21h30; 00/xx/1/212/490-6650
www.oysterbarny.com

Fotos Acervo pessoal

Mario Tama - 10.jun.2008/Getty Images

No alto, obra de Amezkua, acima; pessoas se refrescam no Bronx

Visitante observa obra no The Bronx Blue Bedroom Project

[!] foco

Artista plástica mexicana transforma quarto em espaço alternativo de arte

DA REPORTAGEM LOCAL

Não só de visitas a museus e galerias vivem os turistas que visitam Nova York à procura de arte. Uma passadinha na casa da artista plástica mexicana Blanka Amezkua (**www.blankaamezkua.com**), para quem estiver nos arredores do Bronx, cai bem.

Há cinco anos na cidade, Amezkua segue uma herança de artistas dos anos 60 e 70, que consiste em abrir a casa para exposições de outros artistas. No Blue Bedroom (**www.bronxbbp.com**), ela abre seu quarto e convida visitantes a observarem a influência sofrida pelas obras quando expostas nesse espaço tão alternativo.(HELOISA LUPINACCI)

★

FOLHA - Há quanto tempo você mora no Bronx?

BLANKA AMEZKUA -Há três anos.

FOLHA -Por que você mora aí?

AMEZKUA -Eu arrumei um emprego como professora de arte em Hunts Point e estava procurando um lugar para morar. Não queria ir a Williamsburg ou Bushwick, que estão na moda entre artistas e são caros. Além disso, queria morar em um lugar que tivesse uma comunidade tangível. O Bronx não é pretensioso. O lugar em que vivo, Mott Haven, é uma seção pobre, da classe trabalhadora, e é mais barato do que outras partes de Nova York.

FOLHA -Quais são as peculiaridades da área em que você vive?

AMEZKUA -Mott Haven é a porta sul do Bronx. A população é basicamente afro-americana, porto-riquenha e mexicana. Há também russos e albaneses, pessoas do sudeste asiático e da América Latina. Meus vizinhos são jamaicanos, porto-riquenhos e afro-americanos. Eu moro em um local histórico, a avenida Alexander, que era conhecida como "fileira dos doutores" e "5ª avenida irlandesa" na virada no século passado, quando os filhos dos metalúrgicos prosperaram. Muitos edifícios ao redor do prédio em que moro estão sendo restaurados. Seguindo para o norte na Alexander, há prédios de tijolo e a rua está sempre cheia de gente. Moro perto da biblioteca pública de Mott Have e sempre ouço as pessoas subindo e descendo a rua. Elas cantam, conversam, discutem e riem enquanto vão para o trabalho e voltam para casa. É uma avenida muito melódica.

FOLHA -Como você criou o projeto Blue Bedroom?

AMEZKUA -Eu perdi um sobrinho de nove anos em um acidente de carro e passei um tempo com a minha família na Califórnia. Voltei com uma sensação de urgência. Foi quando pensei em fazer do meu quarto uma galeria de arte. O projeto foi alimentado pela herança de artistas dos anos 1960 e 1970 que abriram casas e ateliês para a exposição de obras de outras pessoas. Eu fiquei entusiasmada para ver como os artistas iam ocupar o meu quarto, como os visitantes iam se sentir, como essa experiência afetaria a mim e as pessoas. O projeto não é uma galeria, mas um espaço alternativo de arte. Eu não sou uma galerista, mas uma artista que que quer dividir a experiência criativa com outros artistas em meu quarto.

FOLHA -Para onde você levaria um turista no Bronx?

AMEZKUA -O levaria para caminhar pelo bulevar Bruckner e para ver a galeria Haven, o novo espaço do Bronx Museum. Depois, tomaríamos cerveja em algum bar do bulevar Bruckner. Voltaríamos à avenida Alexander, para visitar a biblioteca e o projeto Blue Bedroom. Depois, levaria o meu hóspede para o "HUB", uma área onde quatro vias se encontram: a rua East 149th e as avenidas Willis, Melrose e 3rd. Seguiríamos para o oeste na East 149th para fazer um lanche no Cuchifritos, de comida caribenha, e iríamos até o Grand Concourse, o principal bulevar do Bronx. Faríamos uma parada na galeria de arte Longwood. Mas isso só cobriria a parte sul. Há tanto mais para ver por aqui, Wave Hill, o estádio dos Yankees, o Bronx Museum, o teatro Paradise, a av. Arthur, o rio Bronx...

FOLHA -Você diria a uma pessoa que viaja para Nova York pela primeira vez que visitasse a região?

AMEZKUA -Se ela for ficar mais de uma semana, sim! Definitivamente! Mas, menos que isso, é difícil para qualquer um sair de Manhattan, porque ali estão coisas tão importantes.